

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP
ISSN: 2526-7892

ARTIGO

FUNDAMENTOS NÃO METAFÍSICOS DO CONCEITO DE PRESENÇA¹

Mariana Lage²,

Resumo:

Este artigo propõe evidenciar as influências e os fundamentos próprios à elaboração conceitual de Hans Ulrich Gumbrecht em torno de um campo não hermenêutico, elaboração conceitual que nas últimas três décadas vem se concentrando sobre termos como “efeitos de presença”, “presentificação” e “presente amplo”. Para tanto, o trabalho lança luz sobre pensadores e referências históricas que exercem influência determinante sobre o desenvolvimento gradual de seu pensamento, em especial Paul Zumthor e Martin Heidegger, a época medieval e a serenidade como postura existencial. Destacando essas referências, analisa-se o movimento de retomada do corpo como origem e veículo de um sentido que a interpretação não alcança ou não abarca. Por fim, busca-se demonstrar a relevância da teoria de Gumbrecht para as pesquisas da estética e da filosofia da arte contemporâneas.

Palavras-chave: Presença; Corpo; Sentido; Experiência estética; *Gelassenheit*.

Abstract:

This article proposes to highlight the influences and conceptual foundations of Hans Ulrich Gumbrecht's theoretical elaboration of a non-hermeneutic field, conceptual elaboration that has been focusing for the last three decades on terms such as “presence effects”, “presentification” and “broad present”. With this intent, this work sheds light on philosophers and historical references that exert a decisive influence on the gradual development of Gumbrecht's thinking, especially Paul Zumthor and Martin Heidegger, the medieval era and the serenity (*Gelassenheit*) as existential posture. Highlighting these references, the article analyzes the re-establishing of the body as the origin and vehicle of a meaning, which the act of interpreting does not reach or does not encompass. Finally, it aims to demonstrate the relevance of Gumbrecht's theory to present researches on contemporary aesthetics and philosophy of art.

Keywords: Presence; Body; Meaning; Aesthetic experience; *Gelassenheit*.

¹ Non-metaphysical foundations of the concept of presence in Hans Ulrich Gumbrecht

² Professora-pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens no Instituto de Artes e Design da UFJF (bolsa PNPd/Capes), escritora, doutora em Estética e Filosofia da Arte pela UFMG. Endereço de email: marianalagem@gmail.com

Presentificação, efeitos de presença e presente amplo. Embora possam parecer, numa leitura apressada, etapas de uma apologia hedonista, esses três termos revelam engrenagens importantes do pensamento historiográfico, epistemológico e estético de Hans Ulrich Gumbrecht. Pensador contemporâneo e professor da Universidade de Stanford, Gumbrecht foi medievalista e romanista, historiador, crítico e teórico da literatura e colaborou com uma geração de intelectuais em projetos sobre história dos conceitos e das mentalidades. Trabalhando com temas que vão da filologia aos esportes, passando pela estética, epistemologia, historiografia e materialidades da comunicação, e abordando períodos históricos da Idade Média à contemporaneidade, Gumbrecht tem contribuído em pesquisas de filosofia, história, artes e literatura. Nessa profusão de abordagens, uma perspectiva teórica de grande impacto no Brasil tem sido a sua argumentação em torno da “produção de presença”, ou, numa expressão que se tornou comum: “aquilo que o sentido não consegue transmitir”.

Escrito no começo do novo milênio, “Produção de presença: aquilo que o sentido não consegue transmitir”, original de 2004, apresenta a perspectiva do professor e teórico sobre uma abordagem não hermenêutica para os estudos da literatura, das artes e da construção do conhecimento. Essa abordagem reflete também sua transição da Universidade de Siegen, na Alemanha, onde fundou e dirigiu o primeiro programa de doutorado em estudos teóricos e literários na Alemanha, para a Universidade de Stanford, na Califórnia, Estados Unidos, onde atuou entre 1989 e 2018 como professor na Divisão de Literatura, Cultura e Linguagens – divisão que congrega os departamentos de línguas estrangeiras, estudos culturais e literatura comparada.

Em linhas gerais, uma abordagem não hermenêutica e não metafísica, mais do que destituir a hermenêutica (ou a produção de sentido e, portanto, de conhecimento) de sua relevância, propõe olhares e perspectivas que estão além ou aquém do primado da interpretação, tornando, assim, mais complexas e multifacetadas as abordagens contemporâneas sobre arte e experiência, sobre percepção, temporalidade e experiência estética. Se, como explica o autor, numa cultura de sentido, como é a era moderna, o sujeito se entende como observador incorpóreo e agente transformador, habitando uma posição de excentricidade diante do mundo dos objetos, numa cultura de presença, exemplificada pela Idade Média, os sujeitos não se vêem como agentes transformadores, não se situam à parte do mundo, tampouco concebem corpo e espírito, sentido e matéria como âmbitos distintos e opostos. Numa cultura de presença, o conhecimento é revelado e o mundo se autorrevela de forma divinatória, independente da vontade ou da ação de um sujeito (concepção que durante a Idade Média sequer existia como a concebemos hoje).

Traçando uma analogia entre “cultura de presença” e “efeitos de presença”, Gumbrecht propõe que produção de presença se refere a “todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia e se intensifica o impacto dos objetos ‘presentes’

sobre corpos humanos”;³ ou, em outras palavras, uma sensação de “ser tocado como que por dentro”, quando permitimos que as coisas cheguem até nós em sua materialidade física e sensível. Em “Produção de presença” e em outros livros, o autor recorre a expressões como “momentos de intensidade”, “estar perdido numa intensidade concentrada”, “ficar quieto por um instante”, além de conceitos como serenidade (ou *Gelassenheit*), atmosfera, clima ou humor (*Stimmung*), graça e epifania para nomear e descrever diferentes facetas de uma relação com o mundo não pautada pela interpretação, pelo acúmulo de conhecimento e informação ou pela ação transformadora (*agency* ou *Handeln*). A expressão cunhada como “produção de presença” tem em vista enfatizar a dimensão do espaço e da matéria. Presença, descreve o autor, “refere-se a uma relação espacial com o mundo e seus objetos”.⁴ A palavra “produção” é adotada não no sentido de fabricação de um artefato, mas, sim, no sentido de sua raiz etimológica, do latim *producere*, de trazer para diante um objeto no espaço. Dessa forma, diz o autor, a expressão deseja enfatizar o efeito de tangibilidade.

Meu distanciamento da “metafísica” nesse sentido leva em consideração e insiste na experiência de que o nosso relacionamento com objetos (e com artefatos culturais em particular) nunca é apenas um relacionamento de atribuição de significado. [...] Chamando-os de “presentes”, então, no sentido original do termo latino “*prae-esse*”, estamos dizendo que os objetos estão “à nossa frente” e são, portanto, tangíveis.⁵

Alguns de seus críticos enfatizam a possibilidade de os escritos de Gumbrecht sobre presença servirem como mero fomento de comportamentos hedonistas em estruturais sociais que celebram o individualismo e uma postura apática, apolítica, desengajada da realidade. Enfatizando uma dimensão material do mundo, sua perspectiva teórica seria, na visão desses comentadores, irresponsável, uma vez que sugeriria ou defenderia uma postura não analítica e, sobretudo, descompromissada com a história e a realidade social. A ênfase no despertar sensível por si só seria o testemunho de uma espécie de futilidade teórica, fomentada por seu estilo de escrita autoindulgente, com matizes autobiográficas.⁶

Most of these images are designed to provoke a sense of presence and intensity, but they do not encourage critical analysis of the historical, economic, and social forces that shape the meaning of shared cultural beliefs and collective identities. Gumbrecht apparently wants students and humanists to encounter “presence” in ways that also help sustain critical reflection, yet he does not explain how a deeper engagement with the non-linguistic levels of experience will add critical

³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir.** Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010, p. 13.

⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich, Op. cit., p. 13.

⁵ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos.** Luciana Villas Boas (org.). Trad: Luciana Villas Boas e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; Editora Puc-Rio, 2012, p. 64.

⁶ Cf. KRAMER, Lloyd. “Searching for something that is here and there and also gone”. **History and Theory**, vol. 48, February 2009, pp. 85-97.

perspectives to a public culture that has already abandoned rational political debates and in-depth analysis of social and political problems.⁷

No entanto, o elemento que, em Gumbrecht, se contrapõe a certa vivência apolítica ou acéfala está, a meu ver, na *Gelassenheit* heideggeriana como disposição existencial para um pensamento meditativo, o qual retomaremos mais adiante. Vale mencionar, por ora, contudo, a importância determinante que a disposição existencial, ou a tonalidade afetiva da *Gelassenheit* (serenidade) assume em Heidegger, em sua tarefa de elaborar uma filosofia não escolar, não metafísica e não cientificista; sobretudo, um pensar poético, capaz de se aproximar do não pensado. Nesse sentido, a apropriação de Gumbrecht da *Gelassenheit* heideggeriana também o aproximaria de uma disposição existencial que poderia convidar a estética e a filosofia da arte contemporânea a caminharem por espaços ainda impensáveis, numa relação com o aberto, em que a materialidade do mundo e suas coisas poderiam nos revelar novas percepções e despertar epifanias – e não, por outro lado, uma aproximação cujo ponto de partida e o ponto de chegada coincidem na interpretação e no acúmulo de informações ou, nas palavras de Heidegger, em estabelecer hipóteses pré-concluídas e comprová-las (como é típico do que o filósofo chama de pensamento calculador ou técnico).

Assim, torna-se mais interessante compreender o que significa “efeitos de presença” numa abordagem não hermenêutica se lembramos que Gumbrecht, no início de sua carreira, foi medievalista e estudou a relação entre as formas literárias e os meios de comunicação que as veiculam, isto é, em descrição mais específica: como o surgimento do suporte físico do livro determinou o próprio conceito de leitura e literatura. Mais do que isso, em dois artigos sobre o surgimento da imprensa com Gutenberg em meados do século XV, Gumbrecht demonstra como o livro incorporou os princípios do pensamento moderno, marcando, inclusive, os começos das revoluções que culminaram na época moderna. Antes de tudo, o surgimento do livro representa um afastamento das circunstâncias espaço-temporais de coetaneidade da enunciação poética, que, anterior ao suporte impresso não manuscrito, era vivida como recitação de poesias orais, portanto, em copresença e com engajamento corporal dos participantes.

No artigo “O corpo versus a imprensa”, presente em “Modernização dos sentidos”,⁸ ele expõe a gradual transição do *locus* do sentido ocorrido com o livro: do corpo em direção a uma consciência incorpórea, assim como um deslocamento da instabilidade e plurivocidade da poesia vocal às pretensões de significação estável do texto impresso. Dissertando sobre as máscaras do autor, o teórico demonstra como a invenção da imprensa inaugura a era do signo e da interpretação. O privilégio da intencionalidade do autor, assim como a pretensão de um sentido estável, nítido e unívoco, suplanta os efeitos de presença dos corpos no ato de comunicação poética, assim como a temporalidade duracional do ato como processo coetâneo entre emissor e receptor, entre falante e ouvinte. Afastado da

⁷ Ibid., p. 96.

⁸ Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. Trad: Lawrence Pereira. São Paulo: Ed. 34, 1998a.

habitação espaço-temporal do emissor, o outrora ouvinte se transforma em leitor e seu ato de leitura envolve uma abstração do tempo, em sua distensão na prática de produção de sentido individual silenciosa.

Em outro artigo, a saber “Patologias do sistema da literatura”, presente em “Corpo e Forma”,⁹ Gumbrecht demonstra que a preocupação com a correção da interpretação origina-se com o advento da imprensa e do surgimento da literatura (escrita) tal como a conhecemos hoje, originando aí o crescente uso de prefácios a partir do final do século XV. A fixação da forma sobre a página e a exclusão do corpo da dinamicidade do ato performativo fazem surgir a necessidade de clarificar o sentido, direcionar a interpretação, delimitar um contexto, expor uma intenção. Na medida em que o corpo é retirado do papel privilegiado como veículo do sentido, cresce a importância e a recorrência do prefácio como intermediário entre o que é intencionado pelo autor-emissor e o que os leitores deveriam remontar individualmente. “Nesse sentido, é revelador que o iluminismo seja o período histórico-literário no qual os prefácios são em geral mais longos do que os próprios textos”.¹⁰ Com a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, em 1450, escreve Gumbrecht,

o corpo fora visivelmente separado do veículo do sentido, o livro, pela introdução de uma máquina, a prensa de impressão. Ao mesmo tempo em que era aliviado de sua função de veículo de constituição de sentido, o corpo era também liberado de sua função de fonte do sentido. Ao ler um livro, experienciávamos, até muito recentemente, a consciência de um autor como fonte de sentido. O corpo fora separado da consciência da comunicação. Repentinamente, em poucos anos, o autor espacialmente ausente tornou-se o “provedor” de sentido na situação relacional da leitura; repentinamente, a presença física do recitador, do escritor ou do impressor era colocada entre parênteses; e, repentinamente, o receptor sentiu-se ligado ao “sentido intencional” de um autor, que desqualificava como inadequada qualquer modificação por meio de leitura, cópia, impressão ou recepção.¹¹

Gumbrecht sugere ainda que a relação inversamente proporcional entre a proliferação dos livros como suporte dos textos e o afastamento do corpo como fonte, veículo e contexto de criação do sentido poético fomenta o surgimento do teatro e do palco como o *locus* reservado à corporalidade das formas estéticas/artísticas de comunicação.¹² No teatro moderno, lembra o professor em outro momento, surge, aos poucos, a ideia de personagem, “normalmente um conceito que descreve um pensamento complexo”,¹³ um caráter que expõe uma história ou um aprendizado. E assim, durante o período moderno, “tudo o que é

⁹ Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich; João Cezar de Castro Rocha (ed). **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998b.

¹⁰ GUMBRECHT, Hans Ulrich; João Cezar de Castro Rocha (ed.). Op. cit., p. 105.

¹¹ Ibid., pp. 75-76.

¹² Cf. Ibid., pp. 86-87.

¹³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Op. cit., p. 53.

tangível, tudo que pertence à materialidade do significante torna-se secundário e de fato é afastado do palco da significação”.¹⁴

Neste cotejamento a partir do qual pretendemos compreender Gumbrecht à luz de suas leituras como medievalista, torna-se possível perceber a influência que Paul Zumthor (1915-1995), outro medievalista de uma geração anterior, exerce sobre seu pensamento, um assunto sobre o qual deu poucos detalhes conceituais, mas que não deixou de mencionar em entrevistas e em alguns artigos. Em um desses artigos, escrito em 1998 e presente na coletânea “Serenidade, presença e poesia” (2016), o professor descobre em Zumthor uma latente filosofia da presença e da plenitude. Referenciando a escrita poética e teórica de Zumthor, Gumbrecht evidencia ali um desejo-sintoma por presença e plenitude, típico dos anos de 1980 e de 1990, de superação do construtivismo em prol de uma relação mais corpórea com o espaço habitado e com as coisas do mundo, um desejo “de encontrar uma conexão de imediaticidade com a ‘realidade’”.¹⁵ A evidência desse desejo em Zumthor funciona em duas direções: aponta para uma ânsia de uma geração de intelectuais e antecipa temas que se tornaram basilares em Gumbrecht nas décadas seguintes. Escrito poucos anos após a morte de Zumthor, o artigo começa elogiando a intensidade da presença do medievalista suíço.

Relendo sua obra, é como se a voz e o corpo de Paul Zumthor estivessem lá – com todo o seu charme e também toda sua fragilidade (fragilidade que ele nunca admitiu). Foi por causa de uma mudança metonímica que esse efeito da presença na leitura de seus textos começou a direcionar minha atenção para um nível de reflexão que proponho chamar de “a filosofia de Paul Zumthor”, e que é mais bem caracterizada, acredito, se a definimos como uma filosofia da presença e da plenitude.¹⁶

Nas páginas que seguem essa citação, ele tece pouco a pouco como Zumthor evidenciou uma vertente teórica mais ontológica em suas pesquisas e trabalhos, mais atenta para uma possível conexão imediata com a realidade, por mais que se mostrasse consciente de sua impossibilidade concreta e absoluta. Nesse artigo, o professor demonstra encontrar em Zumthor “uma reabilitação ilimitada da facticidade”, não no sentido metafísico, mas ôntico, em que os fenômenos antes de expressarem significados, *são*, se apresentam, aparecem. Gumbrecht recorta em Zumthor uma citação bastante explícita a esse respeito: “A obra de arte é tautológica no sentido em que ela não ‘expressa’: ela é”.¹⁷ Esse entendimento não exclui a prática hermenêutica, ele só não pressupõe que a hermenêutica deteria um “status de obrigação universal”. E mais do que querer distinguir se o saber que obtemos do mundo é adequado, Zumthor caminhou, após sua aposentadoria, pela tangente das teorias então vigentes, estabelecendo seu lugar como aquele que exalta o saber como inevitavelmente enredado pela perspectiva do pesquisador, por seu

¹⁴ Id.

¹⁵Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich; LAGE, Mariana (ed). **Serenidade, presença e poesia**. Trad: Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

¹⁶ Ibid., pp. 109-110.

¹⁷ ZUMTHOR, Paul *Apud* GUMBRECHT, Hans Ulrich. Ibid., p. 115.

desejo e prazer de saber.¹⁸ Gumbrecht resume a postura de Zumthor de uma forma intuitivamente precisa:

Podemos saber, ao menos, se conhecemos o mundo? Zumthor deixa em suspenso essa questão. Em primeiro lugar, ele chegou a negar que podemos “possuir” algo deste mundo. Se, em segundo lugar, ele deixa em aberto a possibilidade de “capturar o mundo”, considero interessante que ele conceda essa possibilidade a uma planta mais do que ao espírito humano.¹⁹

A partir dessa citação, é possível dizer que, na relação de (aparentemente sutil) influência de Zumthor sobre Gumbrecht, não é uma mera coincidência o fato de que o fora da metafísica (ou de uma postura positivista) em Zumthor ser uma dimensão ôntica, fática com materialidade do mundo, e o fora da produção de sentido para Gumbrecht ser uma relação de “calma compostura” (ou *Gelassenheit*) que nos permite deixar que as coisas nos cheguem em sua materialidade sensível, ou apareçam como elas são. Enquanto Zumthor, com sua poesia, menciona o galho em relação ao céu como aquilo que é capaz de “capturar o mundo”, Gumbrecht, poucos anos depois, a partir de uma experiência estética com os teatros tradicionais japoneses, recorre à *Gelassenheit* como disposição existencial capaz de nos colocar em sintonia com a materialidade do mundo, numa relação de imediaticidade com as coisas, numa relação que se aproxima do que anos antes encontrou em Zumthor como um elogio da plenitude e presença.

No trecho que Gumbrecht cita em seguida, temos Zumthor falando da forma poética que lhe era usual e que, não importa o que façamos, “não possuiremos nada, jamais”; “resta-nos a liberdade derrisória de traçar signos sobre o papel, tão pouca coisa, o desenho dos raminhos nus no galho do plátano sob a minha janela”.²⁰ Tais ramos, pensa Zumthor, parecem ter “capturado o céu inteiro de inverno”. Em outras palavras, se a produção de sentido não nos garante a certeza de captura do mundo por meio do saber, resta-nos relacionar com esse saber de mundo e com o próprio mundo de forma poética, a partir da plenitude e da presença. Esse trecho de Zumthor exemplifica bem não somente como sua escrita poética se tece à sua própria teoria mas, sobretudo, nos auxilia na compreensão de como Gumbrecht desenvolve, aos poucos, sua própria teoria sobre produção de presença como uma filosofia da presença e da plenitude, de como ela se fundamenta numa abordagem ôntica e, ainda, de que modo essa filosofia se relaciona com o mundo e com a teoria – com a facticidade e o desejo de objetividade, com o prazer da percepção, da escrita e da teoria. Zumthor, podemos crer sem soarmos forçosos, era um exemplo para Gumbrecht, e sobre isso o professor não poupou palavras e gestos apologéticos e entusiasmados.²¹

¹⁸ Cf. em especial, ZUMTHOR, Paul. **Falando da Idade Média**. Trad: Jerusa Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹⁹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**, Op. cit., pp. 115-116.

²⁰ *Ibid.*, p. 116.

²¹ Em nossas conversas de orientação, Gumbrecht falou diversas vezes sobre como o prazer em Zumthor parecia ser parte do caráter e da personalidade do medievalista. Ele dizia que Zumthor pareceria ser o tipo de pessoa que considerava a vida irresistível –

Por meio desse elogio a Zumthor, Gumbrecht evidencia, naquele artigo, a oposição entre uma cultura de presença e uma cultura de sentido, em especial a partir de sua percepção em torno do modo como o espaço, a tangibilidade e a materialidade dos corpos e do mundo é de suma importância para uma compreensão e uma vivência não hermenêuticas. Dito de outro modo, como uma cultura de presença é fundamentada na relação primordial com o espaço, enquanto na cultura de sentido, a dimensão de maior destaque é o tempo e a ação do homem sobre ele, como atuação transformadora da história e do mundo.

Uma filosofia que dá prioridade à *res cogitans* em detrimento de todo objeto tangível (*res extensa*) deixa de se interessar pelo espaço. Tudo o que é importante é a temporalidade na qual o pensamento se realiza. Uma vez, no entanto, que se se concentra nos objetos e nos corpos, surge a necessidade do espaço como dimensão na qual as relações entre as coisas e os corpos possam ser negociadas e articuladas. [...] Em vez de ser uma noção temporal, a presença para Zumthor pertence ao registro epistemológico do espaço. Aquilo que está presente – diante de mim – é tangível. Sob um certo ângulo, a presença é a dialética entre o espaço e os corpos: o espaço se constitui em torno de um corpo e os corpos precisam do espaço para serem tangíveis.²²

As pesquisas de Zumthor sobre a vocalidade da poesia oral,²³ a determinante importância do engajamento do corpo como veículo do efeito poético, deixam explícita essa contraposição entre uma cultura de presença e uma cultura de sentido, isto é, uma teoria enraizada no engajamento do corpo na percepção poética, e outra que privilegia a univocidade, a estabilidade de sentido e a intenção do autor. Um retorno às potencialidades do corpo no fazer artístico, na percepção poética e no prazer estético é tema que perpassa a maior parte da produção intelectual de Zumthor após os anos 1980, a começar por seu “Introdução à poesia oral”. Nas entrevistas que compõem “Escrita e nomadismo”, o autor reconhece que “Introdução à poesia oral” carrega um caráter de elogio à impermanência movente da forma poética que tem a voz como veículo, assim como uma retomada da dimensão corpórea nos estudos literários. Ao reconhecer a performance como acontecimento dinâmico da poesia vocal e, portanto, como momento privilegiado da forma poética, Zumthor compreende uma indissociabilidade entre poeticidade e corporeidade, entre presença, acontecimento poético, engajamento do corpo, efeito e forma poética. Nessa indissociabilidade, e por ter se debruçado por toda sua vida sobre um objeto perdido no passado, isto é, a voz da poesia medieval, Zumthor se voltava reiteradas vezes para a dinâmica da leitura silenciosa da escrita como contraponto de compreensão de seu objeto. Em outras palavras, a oposição entre a poesia vocal medieval e a invenção do livro no início da época moderna estava no coração de suas investigações – semelhança que podemos notar em

como, por exemplo, até mesmo a Coca-Cola da Hungria era algo sobre o qual Zumthor demonstrava um entusiasmo desmedido.

²² Ibid., p. 117.

²³ Cf. dentre outras obras ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad: Jerusa Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Gumbrecht, ao atentarmos para sua formação como medievalista a fim de compreender a herança de suas influências. A respeito dessa oposição, em “Introdução à poesia oral”, Zumthor oferece uma citação exemplar e poeticamente ilustrativa:

A escrita permanece e estagna, a voz multiplica. Uma se pertence e se conserva; a outra se expande e destrói. A primeira convence e a segunda apela. A escrita capitaliza aquilo que a voz dissipa; ela ergue muralhas contra a movência da outra. No seu espaço fechado, ela comprime o tempo, lamina-o, força-o a se estender em direção ao passado e ao futuro: do paraíso perdido e da utopia. Imersa no espaço ilimitado, a voz não é senão presente, sem estampilha, sem marca de reconhecimento cronológico: violência pura. Pela voz, permanecemos da raça antiga e poderosa dos nômades.²⁴

É notável, então, que Gumbrecht estivesse desde o início de sua carreira como medievalista questionando a univocidade normativa das interpretações da filologia e de outras disciplinas relacionadas ao objeto literatura. É possível ainda interpretar sua crítica e sua divergência em relação à estética da recepção, de Hans Robert Jauss, a partir dessa chave, isto é, de uma necessidade de se afastar de uma interpretação canônica, ainda que esse cânone fosse erigido tendo como base uma suposta e futura história da literatura a partir das histórias da leitura, da recepção e dos leitores.²⁵ Além do mais, o reconhecimento da extrema relatividade das teorias e dos estudos literários nos ajudaria a compreender um tema recorrente em sua escrita: a emergência do observador de segunda ordem e o *horror vacui* do poliperspectivismo da representação; elemento que se origina durante a modernidade epistemológica, como descreve, em especial no artigo “Cascatas da modernidade”,²⁶ referenciando o trabalho do historiador Reinhart Koselleck, e que aparece como ponto nodal do livro ao qual tem se dedicado nos últimos quatro ou cinco anos, sobre Denis Diderot e uma espécie de “iluminismo subcutâneo”.²⁷ Um poliperspectivismo que daria lugar, décadas depois, quiçá um século mais tarde, a uma ressaca interpretativa, a qual, por sua vez, aparece como *leitmotiv* de sua escrita

²⁴ ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad: Jerusa Ferreira *et al.*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 320.

²⁵ A esse respeito, vale conferir o artigo “Da hermenêutica edipiana à filosofia da presença”, constante em GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**. Op. cit., pp. 131-158.

²⁶ Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. Trad: Lawrence Pereira. São Paulo: Ed. 34, 1998a.

²⁷ “Explosions of Enlightenment” foi tema e título de um seminário de graduação e pós-graduação lecionado por Gumbrecht na Universidade de Stanford, no inverno de 2014, no qual se debruçou sobre a hipótese de, desde o começo, o Iluminismo conter em si uma crítica à sua possibilidade de se efetivar. Desde então, Gumbrecht tem se dedicado à escrita desse tema a partir de Denis Diderot e outros personagens históricos como Francisco Goya e Wolfgang Amadeus Mozart. A esse respeito, conferir entrevista “Da produção de presença ao presente amplo”, em GUMBRECHT, Hans Ulrich, **Serenidade, presença e poesia**. Op. cit., pp. 163-167.

em torno da produção de presença. *Leitmotiv* que, notando bem, está no coração do argumento de seu “Produção de presença”.

Embora pareça óbvio, é importante dizer que Gumbrecht, ao contrapor a Idade Média à época moderna, não defende que existiria um retorno atual tal e qual das concepções e dos comportamentos medievais. A contraposição surge com o intuito de delimitar uma distinção e pensar com conceitos modelares, entre uma *cultura* de sentido e uma *cultura* da presença. O recurso a uma “*cultura* de presença” é referido pelo autor como modo de nos fazer progredir na apreensão e na descrição dos *fenômenos* da presença. “Já o afirmi várias vezes neste livro: a única estratégia que poderá nos ajudar a progredir nisso é o recurso a culturas e discursos pré ou não-metafísicos do passado.”²⁸ Vale explicitar também que cultura de sentido e cultura de presença são referidos por ele como tipos ideais (*Idealtypen*), como assim entendeu Max Weber: uma tipologia que não se manifesta de forma pura e concreta na realidade.

Para nós, os fenômenos de presença não podem deixar de ser efêmeros, não podem deixar de ser aquilo que chamo de “efeitos de presença”; numa cultura que é predominantemente uma cultura de sentido, só podemos encontrar esses efeitos. Para nós, os fenômenos de presença surgem sempre como “efeitos de presença”, porque estão necessariamente rodeados de, embrulhados em, e talvez até mediados por nuvens e almofadas de sentido.²⁹

Na cultura da presença, exemplificada pela Idade Média, o conhecimento não é interpretado, mas revelado: por meio da manifestação e da intervenção divinas, o mundo se autorrevela, independente da vontade ou da ação de um sujeito. “Se acreditamos na revelação e no desvelamento, eles simplesmente acontecem e, uma vez acontecidos, nunca podem ser desfeitos pelos seus efeitos.”³⁰ Mais do que agir sobre o mundo ou colocar um acontecimento em curso, trata-se, enfatiza Gumbrecht sobre a cultura de presença e a produção de presença, de estar presente e permitir que as coisas aconteçam e cheguem até nós em seus efeitos materiais, espaciais e corporais. Trata-se, então, tanto na cultura de presença quanto na produção de presença, de tomar parte em um acontecimento, de estar disponível para participar dele não a partir da interpretação e da análise, mas de uma abertura, atenta, relaxada e engajada corporalmente. Ao invés, contudo, de pressupor o retorno do conceito de presença medieval num sentido amplo, incluindo, por exemplo, o pensamento mágico e teológico, os efeitos de presença que acontecem em mundos cotidianos, colocam a ênfase sobre os momentos de intensidade ou de serenidade (*Gelassenheit*) em que tomamos parte, permitindo que os objetos nos imprimam sua presença como numa epifania ou numa experiência estética. “O que está ‘presente’ para nós (muito no sentido da forma latina *prae-essere*) está à nossa frente, ao alcance e tangível para nossos corpos.”³¹

²⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Op. cit., p. 104.

²⁹ Ibid., p. 135.

³⁰ Ibid., p. 107.

³¹ Ibid., p. 38.

Deste modo, o retorno ao corpo e à materialidade, assim como o desenvolvimento de um campo não hermenêutico, remetem a uma revisão crítica dos princípios do sujeito moderno cartesiano, apartado do mundo, “entidade intelectual e incorpórea” produtora de conhecimento, para quem as coisas e os corpos eram vistos como objetos detentores de um sentido inerente, disponível para a atividade de interpretação de um sujeito desencarnado e para sua ação transformadora de mundo.³² “Desenvolver conceitos não interpretativos, para acrescentá-los aos conceitos hermenêuticos, exigiria um esforço contra as consequências e os tabus resultantes de entronizar a interpretação como prática central *única* nas humanidades.”³³

Como demonstra João César de Castro Rocha em artigo introdutório à coletânea de ensaio “Corpo e Forma”, “produção de presença” é tema frequente para o pensador desde o início da década de 1990, quando ele se aproxima de Jean-Luc Nancy (em especial, a partir de sua coletânea de ensaios “The Birth to Presence”, de 1994) e de Martin Heidegger, e, concomitantemente, começa a escrever sobre esportes; embora seja somente em 2004 que essa formulação apareça de forma mais explícita numa teoria própria. De todo modo, em se tratando do desenvolvimento do campo não hermenêutico e da produção de presença, no começo dos anos 1990, Gumbrecht já se encontrava em Stanford, já havia sido professor titular em Bochum e em Siegen e já havia realizado a série de colóquios interdisciplinares em Dubrovnik, antiga Iugoslávia, considerados então a vanguarda dos estudos literários e de mídia. Não só o teórico e professor estava territorialmente distante da Alemanha, como já criticava há bastante tempo a estética da recepção do seu orientador Hans Robert Jauss, formulando hipóteses não hermenêuticas para os estudos literários. O tema da produção da presença, portanto, emerge no esforço de pensar a cultura – a arte, a literatura e a experiência – para além da série de propostas metodológicas que haviam povoado os estudos literários nas décadas de 1970 e 1980. O conceito se apresenta, sobretudo, como uma chave que unifica diferentes vertentes do seu trabalho, como a historiográfica, a epistemológica e a estética; não só por meio da ênfase no aspecto material, que nos mostra uma espécie de outro subcutâneo do período moderno, mas também por meio da ênfase numa temporalidade ampla, numa experiência de tempo alargado, com suas sensações de estagnação, latência, simultaneidade e justaposição (como tem desenvolvido sua argumentação em torno do “presente amplo”, como conceito para o momento histórico em que vivemos a falência de princípios que nortearam a modernidade).

Em outras palavras, os trabalhos recentes de Gumbrecht, das últimas duas décadas, desde seu “Produção de Presença”, até “Depois de 1945: latência como origem do nosso presente e nosso amplo presente”, passando por “Graciosidade e estagnação, Atmosfera, ambiência, Stimmung e Serenidade, presença e poesia”, promovem uma constelação de conceitos que nos aproximam do corpo como origem e veículo de um sentido que a interpretação não alcança ou não abarca. Sobretudo, constroem

³² Dediquei-me à análise detalhada do conceito de ação (*agency, Handeln*) no pensamento teórico de Gumbrecht em outro artigo, intitulado “A dimensão do tempo nos efeitos de presença e no presente amplo de H. U. Gumbrecht” (no prelo).

³³ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Op. cit., p. 76.

caminhos conceituais para um espaço de vivência não conceitual, de interrelação dos sentidos com a materialidade do mundo, dimensão da experiência em que interrompemos a urgência interpretativa e o imperativo do desempenho, em que deixamos (res)surgir ou (re)estabelecer um intenso desejo de tangibilidade e, de forma pouco usual, podemos fazer um elogio dessas experiências, epifanias e momentos de intensidade pelo prazer que nos causam e por não nos serem úteis num tempo governado pelo imediatismo, pelo excesso de informação e pelo imperativo do desempenho e da eficácia. Nessa busca, então, por uma abordagem não metafísica, Martin Heidegger e seu conceito de *Gelassenheit* (serenidade) se mostram essenciais para Gumbrecht, e essa influência conceitual fica explicitamente evidente tanto ao final de “Produção de Presença”, quanto no artigo “Martin Heidegger e seu interlocutor japonês: a respeito de um limite da metafísica ocidental”, constante na coletânea de ensaios “Serenidade, presença e poesia”.

Em Heidegger, a *Gelassenheit* é um dos conceitos que mais contribuem para trazer à luz a influência do pensamento genericamente oriental, mais particularmente japonês, sobre suas elaborações filosóficas de fins dos anos 1940 e 1950, em especial, por meio de seus alunos japoneses que, à época da abertura do Japão à modernização, foram à Europa estudar com o filósofo da Floresta Negra – alunos que posteriormente fundaram a Escola de Kyoto.³⁴ Oposto ao pensar técnico ou calculador característico da domínio da ciência e da “era atômica”, o pensar meditativo reflete sobre o próprio processo de pensar, e, em estado de calma compostura, permite que o impensado se releve (ou desvele) ao pensamento. Enquanto o pensamento calculador “planifica, controla, organiza, investiga”, o pensar poético ou meditativo, pautado pela *Gelassenheit* como disposição existencial, acontece por meio da aproximação de uma região, de uma atitude de abertura, atenção e entrega ao próprio caminhar – como demonstra o filósofo ao longo das páginas de “Conversas no caminho do campo”.³⁵

Na descrição de Heidegger, em “Serenidade”, o pensamento calculador é afobado, atropelado, movido por metas, objetivos e conclusões pré-estabelecidas, enquanto o pensamento meditativo se movimenta de forma atenta e contemplativa, numa atitude calma que aguarda que o próprio movimento do pensar ilumine uma nova inteligibilidade. Outra distinção entre meditativo e calculador gira em torno da representação. “O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação.”³⁶ Enquanto no pensamento científico, que exerce uma violência do saber e da técnica, “o método não apenas propõe o tema como o impõe e subordina” para o pensar que medita,

³⁴A respeito dessa influência vale conferir DAVIS, Bret. **On the way to *Gelassenheit*. Heidegger and the Will**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2007; DAVIS, Bret (ed.). **Martin Heidegger key concept**. Durham: Acumen Publishing, 2010; MAY, Reinhard. **Heidegger's hidden source. East Asian influences on his work**. London; New York: Routledge, 1996.

³⁵ HEIDEGGER, Martin. **Country Path Conversations**. Trad: e Bret W. Davis. Bloomington: Indiana University Press, 2010. Tradução da autora.

³⁶ HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Trad: Maria Madalena Andrade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 23.

verdadeiramente poético e criativo, “não há método nem tema, mas sim a região, assim chamada porque ele dá o seu reino e reina livre para o que pensamento é dado a pensar”.³⁷ A *Gelassenheit*, a postura existencial do pensar meditativo, é, então, a entrega (ou soltura) ao movimento do pensamento não representativo, que não se move a partir de ideias pré-concebidas ou que busca comprovar hipóteses pré-estabelecidas. Num dos diálogos de “Conversas no caminho do campo”, Heidegger escrever que “a serenidade seria, então, não apenas o caminho, mas também o movimento”.³⁸

Assim, esse conceito dá as condições de um pensar que, no plano filosófico de Heidegger, seria capaz de realizar a superação da dicotomia moderna sujeito/objeto, ou ainda, de um sujeito que se concebe como excêntrico ao mundo, cujo principal objetivo é agir sobre ele e transformá-lo, a partir do acúmulo de informações e conhecimentos técnicos. Em “Carta sobre o humanismo”, presente em “Marcas do caminho”, diante das perguntas colocadas pelo existencialista francês Jean Beaufret, Heidegger escreve que o melhor seria uma resposta cara a cara, visto que “no escrito, o pensar perde facilmente seu dinamismo. Mas o mais difícil de manter ali é justamente a pluridimensionalidade própria do seu âmbito”.³⁹ É possível perceber, portanto, que o desejo de superação da metafísica relaciona-se com o reconhecimento de um pensamento movente, de forma alguma estanque, unívoco ou fixo, que se concentra (e se importa) mais no movimento do caminhar e do pensar do que na meta a ser alcançada.

Voltando à Gumbrecht, seu exemplo importante e corriqueiro, que está bastante próximo da *Gelassenheit* heideggeriana, é sua reflexão sobre a experiência de assistir a uma peça de teatro tradicional japonês, como o Nô. Ao abordar essa experiência, ele descreve o ritmo lento e, para nós ocidentais, entediante, dos tambores arcaicos e das entradas e saídas dos atores no palco. O ritmo repetitivo e vagaroso poderia gerar, por um lado, um impulso para abandonar a peça, e, por outro, um estado de espera, quietude e abertura que permitiria o surgimento de uma nova relação com a peça, e quiçá com as coisas do mundo. Essa nova relação seria uma de calma compostura⁴⁰ em que as coisas aparecem como são. Nessa disposição existencial para as coisas, para as circunstâncias e para as obras de arte, os efeitos de presença aparecem como epifania e experiência estética.

Talvez [o espectador ocidental] comece até a sentir a calma que lhe permite deixar vir as coisas, e talvez cesse de perguntar o que essas coisas querem dizer – pois elas parecem apenas presentes

³⁷ HEIDEGGER, Martin. **On the way to language**. Trad: Peter D. Hertz. New York; San Francisco: Harper & Row Publishers, 1971, pp. 74-75. Tradução da autora.

³⁸ HEIDEGGER, Martin. **Discourse on Thinking**. Trad: John M. Anderson e E. Hans Freund. New York: Harper & Row Publishers, 1966, p. 70. Tradução da autora.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Trad: Ernildo Stein e Enio Paulo Giaghini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 328.

⁴⁰ “Calma compostura” é um modo de traduzir *Gelassenheit*, um modo inclusive adotado com frequência por Gumbrecht em diversos momentos de seus textos. A palavra advém da forma nominal do particípio perfeito de verbo alemão “*lassen*”, que se traduz por “deixar”.

e plenas de sentido. Talvez observe como, enquanto deixa lentamente as coisas emergirem, ele se torna parte delas.⁴¹

Referindo-se à filosofia heideggeriana, Gumbrecht entende que a serenidade é uma disponibilidade concentrada, como postura ou atitude, que pode facilitar o despertar da experiência como epifania e momentos de intensidade. Ela significa, portanto, a capacidade de permitir que as coisas cheguem até nós, com menos filtros metafísicos, num estado de disposição existencial em que nos mostramos capazes de diminuir ou desacelerar a urgência de significado e interpretação. “Experienciar (no sentido de *Erleben*, mais do que *Wahrnehmen* e menos do que *Erfahren*), as coisas do mundo na sua coisidade pré-conceitual reativará uma sensação pela dimensão corpórea e pela dimensão espacial da nossa existência.”⁴²

Numa palestra proferida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1992,⁴³ Gumbrecht tratava da *Gelassenheit* numa linha de raciocínio sobre a inviabilidade de sustentarmos a interpretação como ato central da existência humana. Embora o professor, naquela palestra, misturava os dois momentos de Heidegger como um só e trate da *Gelassenheit* numa linha argumentativa mais próxima de “Ser e Tempo”, ele apontava para o conceito, mesmo que vagamente, como o limite do campo hermenêutico. Nessa palestra, ele analisava três premissas hermenêuticas do pensamento heideggeriano presentes em “Ser e Tempo” – que, não sendo o tema principal desse artigo, apenas mencionarei rapidamente, são elas: totalidade, temporalidade e referencialidade. Por ter apresentado rapidamente seus argumentos, talvez ali tenha lhe faltado a percepção que viria mais tarde – pode-se dizer, já em torno de 1998 – de reconhecer a calma compostura (*Gelassenheit*) como condição dos efeitos de presença, da epifania e como fundamento de um campo não hermenêutico. Contudo, ainda preocupado em demonstrar os limites da interpretação na contemporaneidade, ao abordar *en passant* o tema da *Gelassenheit*, ele como que acerta o alvo embora tenha atirado em direção oposta. A fim de explicitar os saltos que dá na análise de Heidegger, transcrevo a seguir um trecho maior. Páginas antes, ele havia introduzido seu modo de compreender de Heidegger, tomando-o como uma “sistematização acadêmica do campo hermenêutico”, e dizendo que o filósofo representava “a apoteose do domínio da hermenêutica”, uma vez que ele entendera a interpretação como “o centro mesmo da existência humana”.⁴⁴ Mais adiante, ele diz:

No entanto, se podemos afirmar que o projeto de “Ser e tempo” depende das seguintes premissas: a) totalidade, b) temporalidade e c) referencialidade, deduz-se com certa lógica que o ato central da vida humana corresponde ao ato interpretativo. Por isso, para Heidegger, o *estar-na-verdade* deriva da condição humana de *estar-no-mundo*. *Estar-na-verdade* significa que a existência humana é

⁴¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Op. cit., p. 184.

⁴² Ibid., p. 147.

⁴³ Cf. “O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação”, palestra proferida na UERJ em 1992, transcrita e publicada na coletânea brasileira **Corpo e Forma**, *op. cit.*, pp. 137-152. Originalmente publicado por **Cadernos de Mestrado/Literatura**. Rio de Janeiro: UERJ-IL, n. 5, 1993.

⁴⁴ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e Forma**. Op. cit., pp. 140-141.

necessária e ontologicamente capaz de captar a verdade dos fenômenos. Para tanto, nem mesmo um esforço particular seria exigido; pois, segundo Heidegger, os fenômenos se revelam em sua verdade a partir de um estado de “relaxamento” (*Gelassenheit*). Condição sem dúvida tributária da perspectiva anti-intelectual do filósofo. Afinal, o estado de relaxamento nada tem que ver com o trabalho intelectual de buscar a verdade, depurando-a. Ao contrário, o estado de *Gelassenheit* equivale a permanecer passivo, sem forçar ou apressar a verdade, permitindo que os objetos se revelem em seu ser autêntico.

Desejo sublinhar que a condição central da existência humana, o *estar-no-mundo*, implica, para todos aqueles capazes de relaxamento, a possibilidade de *estar-na-verdade*. Portanto, o *estar-na-verdade*, quer dizer, o deixar sair a verdade das coisas, equivale de modo natural à condição humana. Após a primeira edição de “Ser e tempo”, Heidegger publicou um breve capítulo sobre a centralidade da hermenêutica, o que confirma minha leitura.⁴⁵

Assim, ao fazer a transição entre o primeiro e o segundo Heidegger sem a atenção às alterações de seu projeto sobre o ser e a linguagem, entre o desvelamento da verdade como autenticidade do Ser e o filosofar poético e meditativo, Gumbrecht compreende a *Gelassenheit* nessa palestra de 1992 como uma evidência de que todo ser ou estar no mundo seria um ato interpretativo de estar-na-verdade, caso o sujeito do conhecimento seja capaz de alcançar o estado de relaxamento. Anos depois, contudo, e continuando com seu projeto de uma perspectiva não hermenêutica, a *Gelassenheit* já se encontra associada “àquilo que o sentido não consegue transmitir”, ou como persegue em seu artigo sobre Heidegger e seu interlocutor japonês, de 2000, o conceito já se situa como ocupando o próprio limite da metafísica. Portanto, lendo retrospectivamente, naquela palestra de 1992, e separando bem as compreensões específicas às fases de Heidegger, é possível perceber o germe da *Gelassenheit* como a disposição existencial de uma nova relação com o mundo que compreende os limites da interpretação e os espaços em que estaríamos aquém ou além da atividade comandada pelo intelecto que busca a verdade, de forma apressada ou forçosa. Em 1998, no artigo em que homenageia Zumthor, ao falar de um desejo do medievalista suíço “de encontrar uma conexão de imediatez com a ‘realidade’”, “que é sempre o desejo de uma presença, de uma plenitude”, Gumbrecht faz o seguinte comentário a respeito de Heidegger: “Um dos grandes méritos de Martin Heidegger é ter dado legitimidade filosófica a esse desejo – enquanto o descrevia como um desejo plenamente consciente de sua impossibilidade”.⁴⁶ Um pouco adiante, há outro comentário: “Zumthor se situa cada vez mais próximo de Heidegger, ao enfatizar sua distância em relação à hermenêutica que tinha feito da interpretação uma obrigação universal”.⁴⁷

No artigo “Martin Heidegger e seu interlocutor japonês”,⁴⁸ o argumento começa reconhecendo a inevitabilidade da produção de sentido (“dentro do quadro geral

⁴⁵ Ibid., p. 142.

⁴⁶ GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**. Op. cit., pp. 111-112.

⁴⁷ Ibid., pp. 114-115.

⁴⁸ Ibid., pp. 41-82.

metafísico de pressuposições discursivas”) e criticando as teorias do final do século XX que anunciaram a morte do sujeito sem se perguntarem como seria possível evitar produzir sentido, ao invés de meramente reconhecerem o caráter contingencial de toda operação desse tipo. Em seguida, ele elogia Heidegger como um dos “espantosamente poucos” filósofos ocidentais que investigou a questão de como seria possível evitar tal produção na nossa relação com o mundo. “De que modo alguém poderia evitar situar a representação conceitual do mundo como a derradeira forma de experiência humana era, sem dúvida, uma questão que importava para Heidegger”.⁴⁹ Reconhecendo, então, a diferença entre o primeiro Heidegger e o Heidegger tardio, nesse texto publicado no ano 2000, Gumbrecht destaca que a segunda fase se mostra como modos de pensar alternativos à tradição metafísica, e acrescenta que os momentos em que o filósofo mais tangencia esse limite da metafísica ocidental ocorrem em textos que estabelecem um diálogo com o pensamento oriental, como é o caso de um artigo de Heidegger chamado “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um indagador”.⁵⁰

De um ponto de vista conceitual, a razão óbvia para uma convergência entre Heidegger e seus admiradores japoneses deve ter sido a fascinação, sentida em ambos os lados, pela noção e pelo problema filosófico do “nada” (*nothingness*) –, e o nada, de fato, nos leva de volta à questão referente à tentativa de evitar (ou ao menos minimizar) a produção de sentido, pois a ideia asiática de nirvana, como a seguinte citação de um sermão de Buda ilustra, é menos uma ideia de vácuo ou vazio do que a ideia de uma esfera de completude na qual nenhuma distinção é feita, nenhuma linha divisória é traçada, nenhum sentido é produzido.⁵¹

Nesse sentido, é igualmente importante reconhecer que o movimento de Gumbrecht de ultrapassar a metafísica e a hermenêutica como um monopólio de métodos da Ciências Humanas ressoa – mesmo que a contragosto – o movimento de Heidegger, de décadas antes, de destruição da metafísica em direção ao novo filosofar, reconhecendo, como resume o professor que “nenhuma experiência, baseada no sentido, da ausência de sentido é possível”.⁵² Não é a toa que o conceito de serenidade (*Gelassenheit*) de Heidegger se torna tão exemplar e tão consoante com os argumentos desenvolvidos por Gumbrecht nas últimas décadas, mais especificamente desde a preparação conceitual que culmina em “Produção de presença”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a defesa dos efeitos de presença como abordagem não hermenêutica poderia colocar Gumbrecht sob a crítica de uma perspectiva apolítica ou hedonista – algo

⁴⁹ Ibid, p. 47.

⁵⁰Cf. HEIDEGGER, Martin. “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador”. **A caminho da linguagem**. Trad: Marcia Sa Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

⁵¹ GUMBRECHT,, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**. Op. cit., p. 49.

⁵² Ibid, p. 50.

que contribuiria para o contexto contemporâneo de idolatria das experiências pessoais e o culto do *self*, como tem sido a vertente de seus críticos como Silvano Santiago,⁵³ Luiz Costa Lima,⁵⁴ dentre outros⁵⁵ – o recurso à *Gelassenheit* heideggeriana faz com que sua proposta cresça em complexidade, uma vez que a *Gelassenheit*, como disposição existencial, se colocaria, de acordo com a proposta de Heidegger, como um pensar meditativo disposto ao impensado, ao inaudito e ao surpreendente, ou um pensar que nos aproxima da região do aberto, que se demora junto a, que se põe à escuta, ou ainda, um tipo de espera que mergulha na situação mesma em que se encontra.

Nesse sentido, cabe destacar a contribuição de Gumbrecht para o pensamento estético que deseja se aproximar da arte contemporânea ou de fenômenos recentes da experiência estética, em especial, a partir de sua elaboração da experiência estética como epifania, efeitos de presença e da serenidade como uma disposição existencial concentrada, que seria capaz de nos colocar em sintonia (afinação) não só com as obras de arte mas também com as coisas do mundo.

Em tempo, começamos o artigo nomeando uma tríade de conceitos basilares em Gumbrecht, quais sejam, presença, presentificação e presente amplo. Embora possam parecer uma e a mesma coisa, eles apontam para diferentes dimensões do pensamento de Gumbrecht, em especial, suas abordagens estética, histórica e epistemológica. Enquanto os efeitos de presença tratam da dimensão da nossa experiência estética – com a arte, a literatura e mesmo com o cotidiano –, o termo presentificação se relaciona com sua proposta historiográfica, exposta pela primeira vez em “Em 1926: vivendo no limite do tempo”. Primeira publicação de Gumbrecht em solo estadunidense, o livro é composto por uma coleção de descrições dispersas e detalhadas de fatos ocorridos em 1926, um ano escolhido aleatoriamente, sem qualquer pretensão de causalidade. Os tópicos do livro são organizados de forma alfabética a fim de enfatizar uma recusa à narratividade histórica e destacar a noção de justaposição aleatória, não causal, entre os fatos. O intuito do livro é, sobretudo, o de produzir um efeito de como seria habitar ou experimentar o ano de 1926. Trata-se de, como propõe Zumthor em “Falando da Idade Média”, tornar presente o passado, e, numa expressão bastante recorrente na pena de Gumbrecht, de “*conjure up*”, isto é, evocar. Ao evocar, tornar o passado experienciável, em termos de tonalidades afetivas, clima, humor e disposição existencial.⁵⁶ A partir de uma relação direta com a “produção de presença”, trata-se

⁵³ Cf. SANTIAGO, Silvano. “Suicídio da teoria literária”. **O Estado de São Paulo**, Sabático, p. S2, 19/01/2013.

⁵⁴ Cf. COSTA LIMA, Luiz. “Um nota introdutória”. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich, **Serenidade, presença e poesia**. Op. cit., pp. 7-13.

⁵⁵ Cf. artigos constantes nas coletâneas de artigos Garcia, Antonio Rivera; Villacañas Berlanga, José Luis. **La ontología de la presencia: aproximación a la obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Valencia: Kyrios, 2012; e Mendes, Victor; Rocha, João Cezar de Castro (ed.). **Producing presences: branching out from Gumbrecht's work**. Dartmouth: University of Massachusetts, 2007.

⁵⁶ Essa questão de *conjure up* o passado, de evoca-lo a ponto de presentificá-lo, nos levaria a nos ao conceito de *Stimmung* e sua importância na constelação conceitual de Gumbrecht – tema que, no entanto, não entra neste artigo por limitação de espaço.

de, ao presentificar, prover uma experiência o mais palpável possível de como era viver naquele ano, evocando a sensação de estar imerso naquela ambiência. Termo muito próximo ao conceito de presença, presentificação aparece relacionado à sua abordagem pedagógica em torno das Humanidades.

Quanto ao termo “presente amplo”, ele se refere à construção social do tempo contemporâneo e é melhor desenvolvido em seus últimos livros. Trata-se, em linhas gerais, de uma desarticulação da experiência do tempo histórico e linear. Como expõe em “Depois de 1945” e em “Nosso presente amplo”, se no cronótopo historicista tínhamos a experiência social de movermos de um passado como arcabouço de experiências para um futuro pleno de possibilidade, no presente amplo de simultaneidades o passado não é deixado para trás e o futuro se mostra fechado ou pouco aberto a transformações. Na concepção do autor, estaríamos vivendo um excesso de passado (e as tecnologias de armazenamento de dados comprovam a possibilidade de não esquecermos nada) e uma ausência de futuro (prognósticos de extinção em massa, aquecimento global, etc.). Nessa configuração, o presente se alarga e abriga uma simultaneidade de ações de baixo agenciamento (*agency*; *Handeln*), baixo impacto e pouco poder de transformação.

Em outras palavras, a ausência de futuro, o excesso de passado e a amplidão do presente implodem a noção de movimento da humanidade através do tempo e da história como um campo de ações com início, meio e fim, baseadas em aprendizados a partir do passado e prospecções redentoras para o futuro. Mais ainda, devido ao nosso tempo ser aquele que não consegue deixar nada para trás, este é também o tempo da copresença do diverso e da contradição, da simultaneidade das diferenças, do convívio entre histórico e pós-histórico, em especial, da ausência de um direcionamento único, em que, num futuro que não acolhe ações com vistas a transformações efetivas, qualquer direção é tão boa quanto a outra. Nesta época de simultaneidades quase infinitas, de memórias armazenadas em escala exponencial, o imperativo de estar atualizado com o excesso de informação estaria, então, mais próximo do que Heidegger chama de pensar calculador ou pensar técnico, isto é, de uma relação de objetivação e instrumentalização da existência humana. Em outras palavras, em tempos como este do presente amplo, a atualização constante, o imperativo do desempenho e o acúmulo de informações fomentam a continuação de um pensamento técnico, calculador, pautado por metas e conclusões pré-estabelecidas. Ainda, num contexto histórico como esses, o desenvolvimento (ou a defesa) de uma postura de serenidade, de calma compostura e de disposição existencial para os efeitos de presença, experiência estética e epifania fomentaria então a contracorrente, quase como uma desobediência civil direcionada para a (ou a partir da) dimensão sensível da existência humana no mundo.

Desta forma, a tríade de termos basilares e aparentemente apologéticos de Gumbrecht abrem, na verdade, vias de acesso a temas importantes que perpassam todo seu trabalho sobre a época contemporânea, em seus aspectos estéticos, sensíveis, sociais, históricos e epistemológicos. Enquanto o professor traça paralelos entre grandes pensadores e fenômenos contemporâneos, podemos nos sentir provocados como leitores a percorrer sozinhos travessas que clarificam o intenso trânsito que ocorre em suas elaborações intuitivas e filosóficas. A via da presença e da serenidade seria então apenas uma aparente inconsistência ou

irresponsabilidade hedonista aos olhos apressados, que provavelmente se detiveram à interpretação mais imediata de suas teorias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, Bret. **On the way to Gelassenheit. Heidegger and the Will.** Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2007.
- DAVIS, Bret (ed). **Martin Heidegger key concept.** Durham: Acumen Publishing, 2010.
- GARCIA, Antonio Rivera; VILLACANÑAS BERLANGA, José Luiz. **La ontología de la presencia: aproximación a la obra de Hans Ulrich Gumbrecht.** Valencia: Kyrios, 2012.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos.** Trad: Lawrence Pereira. São Paulo: Ed. 34, 1998a.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (ed). **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica.** Trad: João Cezar de Castro Rocha *et al.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998b.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo.** Trad: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir.** Trad: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos.** Trad: Luciana Villas Boas e Markus Hediger. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; Editora Puc-Rio, 2012.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura.** Trad: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc-Rio Editora, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Depois de 1945: latência como origem do presente.** Trad: Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente.** Trad: Ana Isabel Soares. São Paulo, Ed. Unesp, 2015.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich; LAGE, Mariana (ed). **Serenidade, presença e poesia.** Trad: Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.
- Heidegger, Martin. **Discourse on Thinking.** Trad: John M. Anderson e E. Hans Freund. New York: Harper & Row Publishers, 1966.
- HEIDEGGER, Martin. **On the way to language.** Trad: Peter D. Hertz. New York; San Francisco: Harper & Row Publishers, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. **Serenidade.** Trad: Maria Madalena Andrade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad: Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- Heidegger, Martin. **Marcas do caminho**. Trad: Ernildo Stein e Enio Paulo Giaghini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Country Path Conversations**. Trad: Bret W. Davis. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- KRAMER, Lloyd. "Searching for something that is here and there and also gone". **History and Theory**, vol. 48, February, 2009, pp. 85-97.
- MAY, Reinhard. **Heidegger's hidden source. East Asian influences on his work**. London; New York: Routledge, 1996.
- MENDES, Victor K; ROCHA, João Cezar de Castro (ed.). **Producing presences: branching out from Gumbrecht's work**. Dartmouth: University of Massachusetts, 2007.
- SANTIAGO, Silviano. "Suicídio da Teoria Literária". **O Estado de São Paulo**. Sabático, p. S2, 19/01/2013.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e nomadismo: entrevistas e ensaios**. Trad: Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia-SP: Atêlie Editorial, 2005.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad: Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ZUMTHOR, Paul. **Falando da Idade Média**. Trad: Jerusa Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad: Jerusa Pires Ferreira *et all*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Artigo recebido em: 20/05/2018 e aceito em: 08/10/2018